

Eligível
Presidencial

Os planos de Maluf

CORREIO BRASILEIRO

11 SET 1996

Em conversa recente com um parlamentar federal, o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, garantiu que já se libertou da obsessão que o moveu por mais de uma década de chegar à Presidência da República. Seus planos políticos, hoje, são mais modestos e viáveis. Situam-se na esfera provinciana: o governo de São Paulo, por exemplo.

Maluf acalentou intensamente a idéia de reeleger-se prefeito — e frustrou-se. Contou com o empenho do governo federal, interessado direto na matéria, mas decepcionou-se com a hesitação do presidente da República, que a princípio admitiu a inclusão dos prefeitos na emenda, mas, a seguir, sob a influência do PSDB paulista, recuou.

A Presidência, pensa hoje Maluf, é um acidente na vida de um homem público. Não é possível planejar sua conquista. Políticos brilhantes do passado, como Carlos Lacerda ou Magalhães Pinto, dedicaram o máximo de suas energias para conquistá-la e não conseguiram.

Outros, como Itamar Franco ou José Sarney, não planejaram nada e, não mais que de repente, lá estavam, instalados no trono, de cetro em punho.

Ironias do destino. A convergência de circunstâncias que tornam possível alguém chegar lá pertence ao imponderável — e o caso de Fernando Henrique é exemplo eloquente. Ninguém o imaginava em condições de reeleger-se senador e, de repente, a bordo de um plano econômico (ele, que não é economista), chegou lá.

O sonho possível e planejável é o de governar seu próprio estado ou cidade. Se, nessa caminhada, surge a chance da Presidência, claro, ninguém a recusa. Ele, Maluf, já foi prefeito duas vezes — uma nomeado e outra eleito — e governador indireto. Quer agora voltar pelo voto direto ao Palácio dos Bandeirantes. Se, porém, a Presidência lhe oferecer aceno efetivo, pode reconsiderar. Já não se excita, porém, com a idéia.

O favoritismo de Celso Pitta à Prefeitura de São Paulo, um ilustre desconhecido, em confronto com nomes respeitáveis, como José Serra e Luíza Erundina, é, para Maluf, sinal de aprovação popular à sua gestão. Sente-se plenamente recompensado.

Quanto às agressões do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, interpreta-as como uma confissão de medo e perplexidade. O ministro, que inventou a candidatura Serra, vê no seu fracasso um revés para a estratégia futura da reeleição. O triunfo de Pitta recoloca Maluf no cenário político nacional — senão como candidato, ao menos como eleitor influente.

Maluf não ignora o processo e prepara-se para cumprir o papel que lhe cabe. Não pensa em trabalhar contra a reeleição de Fernando Henrique, mas esse é um assunto que só examinará no momento devido. Neste instante, precisa eleger Celso Pitta — sua única obsessão no presente.